

CONJUNTURA

Nova dinâmica econômica facilita ataque à crise

Governo está mais confiante nos indicadores, mas ainda vê longo caminho a percorrer

LU AIKO OTTA

BRASÍLIA – O momento mais agudo da crise econômica brasileira já passou, mas ainda há um longo caminho a percorrer, disse o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier.

“Há indicações claras de que o ambiente melhorou bastante e tudo caminha de forma favorável, mas não terminamos a travessia; eu diria que estamos no meio dela”, observou. Apesar do tom cauteloso, o secretário admite que os dados divulgados nos últimos dias estão melhores do que o projetado.

Na avaliação do secretário, notícias sobre taxas de inflação abaixo do esperado, dólar em queda e recorde nas bolsas de valores são explicados, em parte, por três fatores: o governo não hesitou em elevar as taxas de juros quando foi necessário, o País fechou um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e houve avanços palpáveis nas medidas de ajuste fiscal.

“O cenário um pouco mais desanuviado, certamente melhor do que se previa, se deve a esse conjunto de fatores: a percepção de que a política econômica tem rumo, a questão fiscal está sendo claramente atacada e a política monetária foi acionada no momento correto”, afirmou. “Esse con-

junto de fatores ajuda a explicar o que está ocorrendo.”

As surpresas nos índices de inflação, segundo Bier, têm ainda uma explicação adicional: uma mudança no comportamento dos preços, com a qual os analistas ainda estão aprendendo a lidar.

Dinâmica – Ele lembrou que, antes do Plano Real, quem apostasse que a inflação seguiria sempre uma trajetória ascendente teria poucas chances de errar. Após quatro anos de estabilização, porém, a história é outra: os preços podem subir num primeiro momento, mas só se mantêm altos se houver fatores para sustentá-los.

“Estamos numa economia em que a dinâmica inflacionária é diferente da anterior ao

Plano Real”, observou. “As razões para essa alta de preço não se sustentam, seja porque a demanda não sancionou, seja porque um preço importante para a economia, como o dólar, voltou de R\$ 2,15 ou R\$ 2,20 para R\$ 1,70.”

Outro ponto importante, segundo Bier, foi a superação das discussões em torno da reindexação. “Isso seria um retrocesso brutal; dificultaria enormemente o trabalho do governo e o interesse da sociedade seria seriamente maculado” comentou.

Além disso, segundo sua avaliação, o processo inflacionário perdeu fôlego porque nem todo o efeito da desvalorização sobre os custos foi repassado ao consumidor. “Há jogo de oferta e demanda funcio-



Bier: “Reindexação seria retrocesso brutal, que atrapalharia o trabalho do governo”

nando; o jogo do comportamento do consumidor funcionando e também a percepção de futuro – as expectativas são muito importantes nesse particular”, disse Bier.

Ele explicou, ainda, que era difícil prever como se distribuiria no tempo o repasse aos preços do efeito da desvalorização cambial. Ele lembrou que as taxas de inflação apuradas em fevereiro foram mais altas do que se esperava, assim como as de março estão surpreendendo por estarem abaixo do projetado.

Fiscal – O governo conseguiu mostrar avanços na área fiscal em janeiro, quando conseguiu aprovar medidas como a cobrança da contribuição previdenciária dos servidores públicos civis aposentados e a prorrogação da cobrança e o aumento da alíquota da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF).

AVANÇO
NA ÁREA
FISCAL FOI
FUNDAMENTAL

rização cambial, acredita o secretário, deveu-se a uma mudança das expectativas do mercado. “A percepção de que a economia brasileira se está

ajustando acaba levando a algumas decisões de investimento no País, o que, por sua vez, leva ao retorno dos fluxos e isso ajuda a normalizar a situação no mercado de câmbio”, explicou.

“Também é preciso entender que havia um exagero enorme no pessimismo anterior, um ceticismo gigantesco, que ainda se está dissolvendo, em relação à capacidade de o País superar as dificuldades.”

Mesmo com a divulgação de dados positivos no front econômico, o discurso do governo tem sido cauteloso, no sentido de evitar o otimismo exagerado. “A gente tem de manter sempre uma linha coerente e serena de ponderação”, justificou Bier. “Da mesma forma que quando as coisas estavam muito difíceis, as pressões eram fortes e o ceticismo era enorme dizíamos que aquilo não se justificava, é consistente dizer agora que estamos indo muito bem, mas ainda não terminamos o trabalho”.

Por isso, o governo ainda não reviu a estimativa de desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) para este ano. Os cálculos que integram o acordo com o FMI apontam para uma queda de 3,5% a 4% no PIB, mas poucos analistas do mercado acreditam que será algo tão severo e estimam uma retração da ordem de 2%.

Bier explicou que as projeções utilizadas no acordo são conservadoras. “A nossa crença sempre foi que a performance da economia seria melhor do que os números indicados”, disse. “Acho que isso se está materializando, pelas indicações ainda muito preliminares existentes, mas não há uma reprojeção que tenha sido feita.”

Wilson Pedroso/AE